



## **EXISTEM POTENCIAIS VETORES DO VÍRUS DA FEBRE AMARELA NA ÁREA DA FLORESTA NACIONAL DE PASSO FUNDO?<sup>1</sup>**

**Ohana Taíse dos Santos<sup>2</sup>, Gerson Azulim Müller<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa desenvolvido no Instituto Federal Farroupilha em colaboração com o ICMBio.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas - IFFAr - Panambi e Bolsista de Iniciação Científica Fapergs. E-mail: anahotaise@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Instituto Federal Farroupilha, *campus* Panambi. E-mail: gecoazul@hotmail.com

**Introdução:** A febre amarela é uma doença infecciosa causada pelo vírus da febre amarela (FA), da família Flaviviridae, que é endêmico na África e na América do Sul, e periodicamente tem causado surtos limitados ou grandes epidemias nas regiões endêmicas. Recentemente, no estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil, foi registrado o ressurgimento da febre amarela em primatas não-humanos, o que resultou em muitos óbitos de macacos Bugios (*Alouatta* sp.). Isso levou o estado a decretar Emergência em Saúde Pública de Importância Estadual, apesar de nenhum caso relatado em humanos. A Floresta Nacional de Passo Fundo (FLONA), localizada na região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, é uma área formada por 1328 ha de Mata Atlântica com diferentes tipos de coberturas vegetais que podem abrigar espécies de mosquitos potencialmente vetores da FA, como as do gênero *Haemagogus* e *Sabethes*. **Objetivos:** Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento de mosquitos que poderiam ser potencialmente vetores do vírus da Febre Amarela na Floresta Nacional de Passo Fundo, bem como relacionar suas ocorrências com o tipo de cobertura florestal e com as diferentes estações do ano. **Metodologia:** O trabalho foi realizado na FLONA, uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável. A FLONA é composta por fragmentos de Floresta Ombrófila Mista natural, fragmentos com plantio de espécies nativas como a *Araucaria angustifolia* e fragmentos com plantio de espécies exóticas como *Pinus* sp. Entre agosto de 2021 e julho de 2022, com frequência trimestral (outono, inverno, primavera e verão), foram instaladas armadilhas constituídas por internódios de bambus cortados transversalmente em sua parte superior, formando um tipo de “copo” que, assim, simulavam ocos de árvores, criadouros onde, naturalmente, as espécies de mosquitos dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes* depositam seus ovos. Nas armadilhas era acrescentado 200 ml de água destilada e em seguida, cada uma delas era amarrada com arame em um tronco de árvore a uma altura de 1,5 m do solo. Após 21 dias, o conteúdo aquático de cada armadilha era retirado e armazenado em frascos plásticos para serem transportados até o laboratório. Foram instaladas 24 armadilhas em cada um dos três tipos de fragmentos (cobertura vegetal) da FLONA, totalizando 72 armadilhas por coleta. Em laboratório, os frascos contendo a água retirada das armadilhas eram mantidos em temperatura e fotoperíodo constantes por até 30 dias antes de serem descartados. Nesse período, o seu conteúdo era frequentemente vistoriado e quando larvas de mosquitos eram observadas, cada uma delas era individualizada em frascos menores e criadas até a fase adulta para serem mortas e



identificadas a partir de características morfológicas externas com auxílio de um estereomicroscópio. **Resultados:** Foram identificadas três espécies de mosquitos ao longo do estudo, todas pertencentes ao gênero *Sabethes*: *Sabethes aurescens* (quatro exemplares), *Sabethes identicus* (oito exemplares) e *Sabethes undosus/ fabrici/ ignomus* (quatro exemplares), totalizando 12 indivíduos. Destes, 75% eram fêmeas e 25% eram machos. Das 288 armadilhas formadas por internódios de bambus que simulavam ocos de árvores analisadas, apenas oito (2,7%) foram colonizados por mosquitos, um (12,5%) nas áreas de Plantação de *Pinus* sp., dois (25,0%) nas áreas de Plantação de *A. angustifolia* e cinco (62,5%) nas áreas de Floresta Natural. As áreas de Plantação de *Pinus* sp. tiveram um número médio ( $\pm$  D.P.) de 0,01 ( $\pm$  0,10) de mosquitos por criadouro, as áreas de Plantação de *A. angustifolia* tiveram um número médio ( $\pm$  D.P.) de 0,03 ( $\pm$  0,22) de mosquitos por criadouro e as áreas de Floresta Natural tiveram um número médio ( $\pm$  D.P.) de 0,08 ( $\pm$  0,41) de mosquitos por criadouro. O teste de Kruskal-Wallis não indicou diferenças significativas de mosquitos ( $P > 0,05$ ) nas diferentes coberturas vegetais da FLONA. Em relação à variação estacional de mosquitos, não foram registrados mosquitos no inverno, já na primavera e verão foram registrados três espécimes em cada e no outono foram coletados seis, o que representa 50% do total de mosquitos obtidos ao longo do estudo. No inverno foram coletados em média ( $\pm$  D.P.) 0,0 ( $\pm$  0,0) mosquitos por criadouro, na primavera e no verão 0,4 ( $\pm$  0,3), e no outono 0,8 ( $\pm$  0,4) mosquitos por criadouro. O teste de Kruskal-Wallis não indicou diferenças significativas de mosquitos ( $P > 0,05$ ) nas diferentes estações do ano na FLONA. **Conclusões:** Nossos resultados indicam que a área da FLONA não apresenta espécies de mosquitos do gênero *Haemagogus*. Já as três espécies de *Sabethes* registradas, foram observadas em baixas abundâncias e fatores como cobertura vegetal e estação parecem não influenciar na fauna desses insetos. **Palavras-chave:** Arbovirose; Diptera; Culicidae. **Agradecimentos:** À Fapergs pelo fomento do projeto de pesquisa e concessão da bolsa de Iniciação Científica (Termo de Outorga: 20/2551-0000523-2). Ao ICMBio pelo apoio técnico e logístico. Ao Adão da Costa Gullich e demais servidores da Flona pelo auxílio e apoio no trabalho de campo.